



ENTRE O SILÊNCIO E O GRITO

SCREAM THOUGH SILENCE

ENTRE EL SILENCIO Y EL GRITO

DOI: 10.5281/zenodo.20498148



Débora Francisca de Lima Thomazini¹

Lúcio Álvaro Marques²

RESUMO

Este artigo propõe reflexões sobre a voz insubmissa de Eliane Potiguara, em sua obra *Metade Cara, Metade Máscara* (2019). Ela foi precursora com o poema *A Terra é a mãe do índio* (1989), que a consagrou como primeira mulher indígena a publicar no Brasil. Criou o grupo GRUMIN – organização de mulheres indígenas. Lutou contra o preconceito, a ditadura e os direitos das mulheres indígenas. O seu ativismo político, seu grito contra as discriminações, o encontro com sua ancestralidade, alinham-se com a poeticidade de seu canto. O diálogo proposto envolve a luta pela democracia e direito à voz indígena por meio da escritura poética contra a subalternização desses povos. Potiguara resgata sua identidade indígena e arma-se com sua escrita e ancestralidade na exposição da história de luta dos povos indígenas. Sua narrativa reflete sobre os quinhentos anos de invasão e silenciamento. O Movimento Indígena rompe com o silenciamento e traz à superfície a luta de um povo relegado à margem. Faz-se necessária uma outra compreensão dos povos indígenas a partir de suas próprias vozes. A partir da importância da obra, busca-se evidenciar como a produção literária indígena contribui para a defesa da democracia e dos direitos humanos, e traz fissuras na literatura por contar um outro lado da história, rompendo com a “história única” (Adichie, 2019). Este trabalho tem como aporte teórico-pedagógico um estudo bibliográfico, de cunho qualitativo. Esta

1 UFTM. E-mail: debora.lima@uftm.edu.br

2 Professor do Magistério Superior na Universidade Federal do Triângulo Mineiro (UFTM). Atua no Departamento de Filosofia e Ciências Sociais (DFICS) e no Programa de Pós-graduação stricto sensu em Educação (PPG Educação). Tem Pós-Doutorado em Filosofia Brasileira pela Universidade do Porto / Portugal (Uporto/2015). Doutorado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS/2012-2014). Bacharel licenciado em Filosofia pela PUC-MINAS (1999-2001). Tem experiência nas áreas de Filosofia Brasileira e Metafísica. OrcID: <https://orcid.org/0000-0002-7571-0977>. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1088648>. E-mail: lucio.marques@uftm.edu.br





proposta está fundamentada, principalmente, na perspectiva da escrita de indígenas, por escritores como Daniel Munduruku (2019), Graça Graúna (2013), dentre outros.

Palavras-chave: literatura indígena; educação; indígenas na literatura.

ABSTRACT

This article reflects on the defiant voice of Eliane Potiguara through her work *Metade Cara, Metade Máscara* (2019). Potiguara, a pioneer in Indigenous Brazilian literature with her poem *A Terra É a Mãe do Índio* (1989), was the first Indigenous woman to publish literature in Brazil and the founder of GRUMIN – Grupo Mulher-Educação Indígena. Through her political activism and poetic writing, she fights against prejudice, dictatorship, and the marginalization of Indigenous women. Her narrative intertwines activism, ancestry, and poetry, reclaiming Indigenous identity and exposing centuries of violence and silencing. By engaging with Potiguara's polytextual approach—where political activism, essay, poetry, and autobiography converge—this study underscores how Indigenous literature challenges dominant historical narratives, disrupts the “single story” (Adichie, 2019), and contributes to the defense of nature, democracy, and human rights. Using a qualitative, bibliographic methodology, this work highlights the importance of Indigenous voices in reshaping historical discourse, drawing on writers such as Daniel Munduruku (2019) and Graça Graúna (2013).

Keywords: indigenous literature; indigenous education; indigenous voices.

RESUMEN

El presente artículo propone reflexiones sobre la voz insumisa de Eliane Potiguara en su obra *Metade Cara, Metade Máscara* (2019). Fue precursora con el poema *A Terra é a mãe do índio* (1989), que la consagró como la primera mujer indígena en publicar en Brasil. Creó el grupo GRUMIN — organización de mujeres indígenas— y luchó contra el prejuicio, la dictadura y por los derechos de las mujeres indígenas. Su activismo político, su grito contra las discriminaciones y el encuentro con su ancestralidad se alinean con la poeticidad de su canto. El diálogo propuesto involucra la lucha por la democracia y el derecho a la voz indígena a través de la escritura poética contra la subalternización de estos pueblos. Potiguara rescata su identidad indígena y se arma con su escritura y ancestralidad en la exposición de la historia de lucha de los pueblos indígenas. Su narrativa reflexiona sobre los quinientos años de invasión y silenciamiento. El Movimiento Indígena rompe con el silencio y saca a la superficie la lucha de un pueblo relegado al margen. Se hace necesaria otra comprensión de los pueblos indígenas a partir de sus propias voces. A partir de la importancia de la obra, se busca evidenciar cómo la producción literaria indígena contribuye a la defensa de la democracia y de los derechos humanos, y provoca fisuras en la literatura al contar otro lado de la historia, rompiendo con la “historia única” (Adichie, 2019). Este trabajo tiene como aporte teórico-pedagógico un estudio bibliográfico de carácter cualitativo. Esta propuesta está fundamentada, principalmente, en la perspectiva de la escritura de indígenas, por escritores como Daniel Munduruku (2019), Graça Graúna (2013), entre otros.

Palabras clave: literatura indígena; educación; indígenas en la literatura.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)





INTRODUÇÃO

O que se propõe neste artigo é refletir sobre a insubmissão da poética de Eliane Potiguara na obra *Metade Cara, Metade Máscara* (2019), em sua luta na defesa dos direitos indígenas, de denúncia contra a violência, do desrespeito aos direitos humanos, do desaldeamento, da subalternização dos povos indígenas, em uma poética de resgate da ancestralidade. Percorre-se um caminho de volta à sabedoria ancestral, mas com o olhar atento e insubmisso quanto à realidade circundante. A autora participou ativamente na luta pela democracia, pelo direito à igualdade e respeito aos povos originários. A sua escrita trouxe para o mundo literário as agruras desses povos, mas com a veemência da mulher indígena que denuncia os abusos, os estupros, a violência sofrida por esses povos e resgata a história da invasão do Brasil em seu olhar poético. Segundo Oliveri-Godet sobre as obras escritas por indígena “buscam abrir uma passagem no campo da produção literária brasileira para afirmar sua especificidade étnica e seu projeto de emancipação do monopólio da representação literária visando a superação de um imaginário nacional calcado na ‘síndrome da extinção’” (Oliveri-Godet, 2020, p. 41). Esse é um grande avanço da literatura nacional, sair do ciclo em que promove apenas a literatura canônica, na abertura de uma literatura que traz o indígena como escritor e protagonista. Lembrando que à época da invasão do Brasil não se buscava a cultura dos povos aqui presentes, mas apenas sua utilidade para a Coroa dentro do que existia nessa nova colônia.

As perguntas norteadoras dessa reflexão são: onde estão os povos indígenas em nossa literatura? Qual a participação desses povos na construção da nossa democracia? É o protagonismo desses povos que Eliane Potiguara resgata em sua obra, a participação ativa no espaço político e literário. Diferente da história que reconta os indígenas como ingênuos e/ou bárbaros à época da invasão nas tintas de historiadores portugueses, o que se tem é o protagonismo dos indígenas, que não foram extintos, não obstante os genocídios. Krenak alerta para a importância da pluralidade das narrativas, uma vez que para a escrita indígena há





“camadas de mundos” (Krenak, 2019, p. 32), portanto, não é necessário conflitos uma vez que é possível evocar diferentes histórias da fundação.

Primeiramente, abordaremos a violência do silenciamento. O indígena na histórica única na concepção de Adichie (2019) em que história única está intrinsecamente ligada ao poder. Quem detém o poder é o que conta a história, torna-a legítima. A figura exótica repassada pela tradição, que não fala por si mesmo. Caricaturizado ora de modo dócil e ingênuo, ora como bárbaro, a sua voz ecoa como um “outro”, que servia como peça na escravidão, como alvo em uma alma que deveria ser salva a todo custo, ou como o selvagem que deveria ser domesticado e servir à Coroa.

A relação entre os indígenas e os colonos era mais complexa do que podemos perceber: “Os dualismos entre índio aculturado/índio puro, tradição/aculturação, estruturas culturais/processos históricos vão sendo superados, o que permite um outro olhar sobre populações indígenas inseridas nas sociedades coloniais e pós-coloniais.” (Almeida, 2010, p. 25). Diferentemente do que é posto como extermínio e aculturação, vimos que se trata de uma relação mais complexa.

Eliane Potiguara desveste esse mito de história única, expõe as feridas da invasão do Brasil e conta na voz da mulher indígena quais as consequências desse silenciamento e da exploração do corpo indígena. No seu relato, demonstra como se dava esse silenciamento e como os rastros colonizadores ainda estão presentes no cotidiano do indígena. O eurocentrismo ainda atua como mordaza, a desvalorização desses povos ainda representa uma violência, e a denúncia é o primeiro passo para trazer à tona essa realidade.

Buscamos para este estudo a visão poética de Eliane Potiguara na sua voz insubmissa, o grito de seu ativismo que ecoa nas páginas da obra. Ela reconta a história de sua família, as perseguições às quais foi submetida, a luta pela sobrevivência, os traços de abuso de poder e a tentativa de extermínio. A poeta, guerreira em suas letras, também lutou pela cidadania, pela democracia, pelo reconhecimento dos povos indígenas. A sua voz não fala somente por ela



mesma, mas por um povo que foi silenciado por séculos. É esse ativismo político que grita em sua poética, em tom de denúncia, de força e de lamento.

Por fim, veremos o encanto de sua produção poética, a sua voz insubmissa que resgata a sua identidade indígena. Trata-se da narrativa ancestral na contação de história de Eliane Potiguara. O indígena que se desloca do exótico, do objeto, para ser protagonista. Em suas letras, ela expõe as alegrias e dores de ser indígena em um país ainda com rastros da colonização mascarados em preconceito. Em suas letras, tem-se a construção de uma história que resgata a cosmovisão indígena, que remonta à contação de história desde a época de sua infância, destacando a importância dos ancestrais e a ligação com a natureza.

Este trabalho tem como aporte teórico-pedagógico um estudo bibliográfico, de cunho qualitativo, em que os protagonistas são indígenas. Privilegiamos escritores que tratam da história indígena do Brasil a partir de suas vivências, pelo olhar do próprio indígena. Alguns autores que compõem este estudo discorrem sobre a cultura e cosmovisão indígena como Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Graça Graúna, dentre outros autores.

A violência do silenciamento

Em uma sociedade marcada pela histórica única sobre a colonização, em que os indígenas são colocados como um problema para o desenvolvimento do país, selvagens e atrasados, a escrita indígena que se inicia com o Movimento Indígena de 1990, tem dois papéis fundamentais: ela atua no plano estético uma vez que se retoma as narrativas ancestrais, como também uma função política. Munduruku, ao falar sobre o protagonismo dos indígenas afirma: “Eles são, portanto, testemunhas oculares dos eventos e poderão nos contar suas versões” (Munduruku, 2012, p. 15). A partir desse movimento, tem-se uma outra história, repassada oralmente pelos ancestrais e que passam a ser escritas por literatos, historiadores e filósofos indígenas. Segundo Munduruku, a humanidade passa a ser restaurada no discurso dos indígenas. A partir do momento em que os indígenas tomam a palavra, o discurso de que são invisibilizados por serem bárbaros, atrasados, “sem alma”, cai por terra. Segundo ele:

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





A catequese e a educação ministradas aos povos indígenas significaram, na verdade, o emprego de outro tipo de violência contra esses povos, configurava pela imposição de valores sociais, morais e religiosos, acarretando a desintegração e a consequente destruição de incontáveis sociedades indígenas, o que caracterizava o etnocídio, um processo diverso do genocídio, porém com resultados nefastos para os povos dominados. (Munduruku, 2022, p. 29).

Vimos que as formas de violência e silenciamento eram causados das mais diversas maneiras, a soberania do colonizador servia para amordaçar o colonizado. No primeiro capítulo da obra de Potiguara, no poema denominado *Invasão às terras indígenas e a migração*, a escritora faz um retrospecto do que aconteceu ao longo da história, em que, com a chegada do colonizador, o que se via era a destruição e o silenciamento.

Invasão

Quem diria que gente tão guerreira
Fosse acabar um dia assim na vida.

Quem diria que viriam de longe
E transformariam teu homem
Em ração para as rapinas.

Quem diria que sobre os escombros
Te esconderias e emudecerias teu filho – fruto do amor.

Cenário macabro te é reservado.
Pra que lado tu corres,
Se as metralhadoras e catanas e enganos
Te seguem e te mutilam?

É impossível que mulher guerreira
Possa ter seu filho estrangulado
E seu crânio esfacelado!

Quem são vocês que podem violentar
A filha da terra
E retalhar suas entranhas?
(Potiguara, 2019, p. 33)

Famílias sendo separadas pelas invasões estrangeiras, as mudanças a que os povos indígenas sofreram com essas invasões. Um povo guerreiro que se transformou “Em ração para as rapinas”. O emudecimento é fruto dessa violência. E no poema supracitado, Eliane

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





Potiguara mostra-nos que essa violência também migra pelo tempo, hoje temos a continuação dessa violência nas “metralhadoras”. À época da colonização aconteceram as migrações forçadas, além das doenças que os indígenas enfrentaram como varíola, sarampo, gripe e tuberculose. Segundo a escritora, em 130 anos, 2 milhões de índios Guarani foram assassinados nas bacias dos rio Paraná, Paraguai e Uruguai e em 1729, um total de 131.658 indígenas Guarani foram escravizados.

De acordo com Krenak, o fato de o homem europeu ter o direito de sair colonizando o mundo partia da premissa de que era necessário trazer a civilização para uma humanidade que não era esclarecida “Esse chamado para o seio da civilização sempre foi justificado pela noção de que existe um jeito de estar na Terra, uma certa verdade, ou uma concepção de verdade, que guiou muitas das escolhas feitas em diferentes períodos da história” (Krenak, 2019, p. 11). A colonização era justificável em prol de uma modernização, de trazer aos homens selvagens uma civilidade considerada ideal pelos colonizadores. Ainda, segundo Krenak, os que conseguiram ficar arraigados na terra foram os que estavam esquecidos nas bordas, nas margens dos rios e exemplifica com povos que habitavam lugares ermos na África, Ásia e América Latina.

É importante ressaltar que a vivência do indígena não está apartada de sua escrita. Segundo Graúna, “A sua história de vida (auto-história) configura-se como um dos elementos intensificadores na sua crítica-escritura, levando em conta a história de seu povo” (Graúna, 2013, p. 20). Embora a lei 11.645/2008 tente inserir a cultura indígena dentro das instituições de ensino, é importante notar que “a literatura indígena não reproduz os modelos conhecidos pela instituição letrada não procura o reconhecimento institucional a todo preço” (Graúna, 2013, p. 60). Isso significa que não é possível a inserção dessa cultura sem contextualizá-la. É por isso que a literatura indígena não deve ser lida como qualquer literatura, mas como uma literatura de resistência, de sobrevivência, que trafega na contramão da literatura ensinada nas escolas. Com isso, a diferença crucial em sua leitura é que deve ser lida “na interface da auto-história da luta e da literatura ameríndia” (Graúna, 2013, p. 61). Um exemplo dessa literatura





múltipla está em Potiguara em que aborda em um mesmo texto autoficção, autobiografia, testemunho, narrativa mítica, segundo Olivieri-Godet (2020, p. 11), trata-se do “princípio da politextualidade”.

Ao tratar da fuga da violência física, Eliane Potiguara relata que muitas famílias, ao se verem vulneráveis, realizavam o suicídio em massa como ato de resistência. Todo esse cenário “provocou insegurança familiar, distúrbios, medo e pânico, causando loucura, violência interpessoais, suicídios, alcoolismo, timidez e a baixa autoestima diante do mundo” (Potiguara, 2019, p. 23). Esse cenário desolador faz parte da história do indígena no Brasil. Além dessa violência física e psicológica, a autora ainda pontua a violência simbólica que ocorreu contra esses povos. Trata-se da destruição dos cemitérios, que para os povos indígenas são sagrados. Com isso, as famílias perdiam de modo definitivo a ligação com seus ancestrais, “causando a desintegração cultural e espiritual” (Potiguara, 2019, p. 23).

Em tom de relato, Potiguara passa a recontar uma história que aconteceu no século XX, de um homem que, por combater a invasão às terras tradicionais do Nordeste, foi assassinado. Seus pés foram amarrados a pedras, um saco enfiado em sua cabeça e seu corpo arremessado nas águas do litoral paraibano. Trata-se da morte de seu avô e da consequência desse fato, que foi a migração das mulheres da família de Eliane Potiguara para Pernambuco e, logo após, para o Rio de Janeiro, onde se estabeleceram em uma área de prostituição.

Uma figura importante na criação de Eliane Potiguara e seu resgate das memórias ancestrais de seu povo acontece por meio de sua avó Maria de Lourdes. Sua avó também foi vítima de violência, ao ser estuprada aos 12 anos de idade. Ao chegar ao Rio de Janeiro e habitarem uma região de prostituição, sua avó a deixava confinada na pequena casa. Segundo a escritora: “A menina, então, foi criada a sete chaves, dentro de um quarto mal iluminado, e quase nunca saía. Quando via o sol, desmaiava. As necessidades fisiológicas e os banhos eram realizados ali mesmo” (Potiguara, 2019, p. 25). Potiguara também relata a importância dos saberes ancestrais da avó que, como curandeira, curou-a de dois tumores, sendo um alojado em seu olho e outro em um dos seus mamilos. Foi nesse cenário que a menina passou a ouvir





as histórias de seu povo contadas pela sua avó e o mundo da contação de história passou a fazer parte da sua vida.

Neste espaço reduzido, escondida por sua avó, é que a menina, isolada do mundo, foi ouvindo as histórias indígenas repassadas pelas suas tias, avó e por sua mãe. Mesmo fora das terras originais, sua família manteve a sua cultura, os hábitos tradicionais, os laços ancestrais e a herança espiritual de seu povo. Mesmo nesse ambiente inóspito, Eliane Potiguara, sempre auxiliada por sua avó, frequentou a escola, mesmo sofrendo preconceito por sua origem. A avó, analfabeta, tomava conta da neta do lado de fora: “Quando a menina começou a ir à escola, era a sua avó que a levava diariamente e permanecia ao lado de fora das grades, tomando conta, observando todas as ações da neta” (Potiguara, 2019, p. 26). Podemos perceber que os ensinamentos ancestrais e a educação institucionalizada irá preparar essa menina para a sua vida de contação de história. Segundo Tettamanzy: “em nosso país, a reconfiguração imaginária do Brasil como país pluriétnico impõe a necessidade de dominar conhecimentos e formas de transmissão de saber, sem que se abandonem nem se escolarizem valores, tradições culturais e histórias diferenciadas” (Tettamanzy, 2018, p. 249). A partir de sua escrita, Eliane Potiguara pôde demonstrar o sentimento de viver à margem, como no poema a seguir:

Pankararu
Sabe, meus filhos...
Nós somos marginais das famílias
Somos marginais das cidades
Marginais das palhoças...
E da história?

Não somos daqui
Nem de acolá...
Estamos sempre ENTRE

Entre este ou aquele
Entre isto ou aquilo!

Até onde aguentaremos, meus filhos?...
(Potiguara, 2019, p. 63)

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





A voz poética, em tom de tristeza, conversa com os filhos e lhes mostra que são marginais, não fazem parte da sociedade a qual deveriam estar inseridos. É a ideia de que eles não são adequados para este mundo. Essa ideia de entre-lugar está presente uma vez que não há um espaço definido para o indígena na sociedade. Um exemplo disso é a desterritorialização, a defesa do território indígena que é o instrumento mais eficaz para a manutenção da cultura indígena. O protagonismo indígena aparece na atuação não passiva da desterritorialização e do marco temporal. A partir da década de 90, as lideranças indígenas regionais passaram a se reunirem em assembleias para problematizar questões indígenas (Munduruku, 2012, p. 54-55).

Eliane, poeticamente, conta a história do reconhecimento dos direitos indígenas como algo futuro, como um sonho. Ao falar sobre a luta pelas terras, a demarcação, o marco temporal, ela recorre à lenda de Jurupiranga e Cunhataí, personagens atemporais da obra *Metade Cara, Metade máscara*. Trata-se de um sonho que Jurupiranga teve a respeito do futuro:

Um dia deitado sob uma árvore e enfraquecido pelas dificuldades, fome, desesperança e enfermidades, mas, enaltecido, glorificado pela força interior, teve um sonho. Sonhou que estava em uma grande sala, cheia de cadeiras envernizadas e muito indígenas, inclusive representantes de seu povo, vestido com vestimentas alheias e estranhas a seu tempo original. Via vários guerreiros usarem a palavra e serem ouvidos e respeitados. Ouvia várias línguas indígenas e estrangeiras. Via o grupo indígena apresentando papéis para uns homens brancos de roupas pretas e cinzas. Via mesas cobertas de mapas de territórios indígenas definidos por eles e via negociações serem feitas objetivando a paz indígena. Os homens brancos, engratados, acatavam as decisões indígenas, porque havia estatutos, leis, mecanismos internacionais, tratados, pontos na Constituição que haviam sido trabalhados pelos indígenas durante séculos e séculos, aquilo constituía uma vitória para os povos indígenas. Os brancos diziam que estavam reconhecendo a dívida histórica que aquele país tinha para com os povos tradicionais e, por isso, tinham decidido – politicamente – aceitar, pacificamente, as demandas que os povos apresentavam para o exercício dos direitos indígenas. (Potiguara, 2029, p. 146-147).

Quanto à literatura indígena, eis a pergunta: os indígenas são marginais da história? Se formos responder essa pergunta legalmente, afirmaremos que não, uma vez que hoje temos a lei 11.645/2008 que torna obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena



nos estabelecimentos de ensino tanto no ensino fundamental quanto no ensino médio, públicos e privados. No entanto, percebemos que ainda se trata de uma apresentação tímida e ainda equivocada. Segundo Oliveiri-Godet, ao falar sobre a literatura do século XX e o surgimento da literatura indígena afirma que essas escritas “buscam abrir uma passagem no campo da produção literária brasileira para afirmar sua especificidade étnica e seu projeto de emancipação do monopólio da representação literária visando à superação de um imaginário nacional”(Oliveiri-Godet, 2020, p. 41). Essa escrita que traz uma fissura na literatura canônica. Esse não pertencimento é fruto da discriminação e das migrações compulsórias que Eliane Potiguara descreve em suas letras. É por meio do que fora aprendendo com sua família nas histórias ancestrais e pelo ensino institucionalizado que foi se preparando para essa escrita de denúncia e encanto.

A escritora repassa em sua escrita outros relatos que a influenciaram como fatos relacionados a sua avó: o alcoolismo, a vergonha que sentia por ser indígena, o choro ao receber as cartas de parentes que continuaram na Paraíba. Segundo Potiguara, a vergonha é o resultado do estigma sofrido por indígenas que é revertido em medo da discriminação e do racismo. As histórias da avó e depois, quando foi alfabetizada e passou a escrever cartas para ela, levaram Eliane para o mundo imaginário e literário. Esse foi o seu primeiro contato com a escrita.

A escritora narra também como as mulheres indígenas são conduzidas à prostituição por homens corruptos que as seduzem por um prato de comida, uma vez que se trata de um povo que, com a destruição de suas terras originárias e o descaso do governo sofrem com a miséria. O universo feminino indígena, ao guardar valores e tradições diferentes, tornam-se presas fáceis em um lugar diferente do que habitavam. Cita-se como exemplo o caso de indígenas Yanomani, em que mulheres ludibriadas por soldados ou comerciantes, foram conduzidas à prostituição.

Graça Graúna em sua obra *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil* (2013) traz a questão da produção literária indígena contemporânea em que, de acordo





com a temática, as manifestações dos povos indígenas da América apresentam os mais de quinhentos anos de colonização, além de outros temas considerados transversais.

Trata-se da poética da diáspora indígena, segundo Graúna, falando sobre a diáspora Potiguara “No século XVI, esse povo habitava o litoral do Nordeste brasileiro, mas em contato com o mundo dos ‘brancos’ veio a diáspora e os Potiguara se dispersaram para o Ceará, Paraíba e Rio Grande do Norte e outros estados brasileiros” (Graúna, 2023, p. 95). São povos que perderam suas terras e foram impelidos a migrarem. Podemos constatar que, na contemporaneidade, busca-se rever a visão equivocada e estereotipada desses povos, como na escrita de Graúna, Potiguara, Krenak, Mundurku. Mostra-nos uma visão humanizada, diferente da visão de que eles são um empecilho para a modernidade e por isso merecem ser exterminados e assimilados. De acordo com Krenak “Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida” (Krenak, 2019, p. 26), e é contra essa ideia de apagamento que a literatura indígena se ergue. Esse genocídio físico e cultural é um dos meios de negar a existência desses indígenas como parte da cultura nacional. Tentar deixá-los no passado na literatura indianista e distanciada da realidade.

O grito do ativismo político

Como dito anteriormente, a escrita de Eliane Potiguara e o encantamento pelas letras começou aos 7 anos, quando começou a escrever e ler as cartas que eram enviadas para os parentes que moravam na Paraíba. Sua avó era analfabeta e cabia à menina escrever e ler as correspondências. Essas histórias, mesmo sendo fatos reais, levaram-na para o mundo literário e o gosto pela leitura, posteriormente, levou-a a cursar o magistério. Tornou-se professora do ensino primário. Inicia-se seu processo de luta a partir da leitura de Paulo Freire na luta pela educação, perseguido e exilado no Chile e na África.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)





O primeiro passo de Eliane Potiguara para a sua atuação no ativismo político passou pelo retorno às suas origens ancestrais. Em 1978 passou a visitar nações indígenas, conheceu as mulheres indígenas que sofreram violação em seus direitos como nas cidades de Santa Maria, Bagé, Santo Ângelo e cidades próximas da fronteira do Uruguai. Visitou também as terras de seus ancestrais e, em 1979, conheceu o senhor Marujo que lhe contou a história dos Potiguara e como se deu a migração de sua família em 1927. A partir do conhecimento de suas raízes, Potiguara tomou consciência de que deveria atuar como cidadã e guardiã de suas tradições. Foi então que entrou para o Movimento Indígena. Pela luta de seus ideais, sofreu todos os tipos de violência como agressões verbais e físicas, perseguição política, difamação e ameaça de morte por denunciar o arrendamento de terras indígenas e suas consequências. Teve que comparecer à Polícia Federal e à Procuradoria de Estado, à época do governo Fernando Collor e obteve ajuda do *Pen Club* da Inglaterra e da organização internacional chamada Escritores na prisão, que defendiam os direitos humanos em seus países. Afastou-se temporariamente da vida política por retaliações.

Em 1976, criou o grupo Grumin, que foi ampliado em 1987, apoiado pelo cacique João Batista Justino. Por meio desse grupo, houve seminários que trataram da família, cidadania, direitos reprodutivos, projeto de desenvolvimento comunitário dentre outros assuntos que envolviam questões indígenas e a invisibilização do governo a respeito dos povos indígenas. Potiguara atuou ativamente desse processo de 1988 a 1996. O grupo Grumin esteve presente em diversas conferências, como Genebra nas sessões do Grupo de Trabalho sobre Populações Indígenas nas Nações Unidas. Objetivava-se a divulgação de documentos da Conferência Mundial contra o racismo. Participou também de vários seminários da ONU e de outras organizações governamentais e não governamentais.

Neste seu caminho de ativismo político destacamos que também esteve presente em momentos importante no processo social brasileiro, como a elaboração da Constituição de 1988 e a fundação, em 1992, do Kari-Oka, o Comitê Inter-Tribal 500 anos, tendo como parceria lideranças indígenas como Idjarruri Karajá e Marco Terena na Conferência Mundial





da ONU sobre meio ambiente. Na ditadura militar, em 1968, a polícia vasculhou a sua casa. O motivo era que sua mãe e seu irmão estudavam canto na Escola Nacional de Música, sendo que moravam em um gueto. A pergunta era como seria possível estudar música sendo indígena e morando neste local.

Foi participando ativamente da vida política do Brasil que Eliane Potiguara escreveu a obra *Metade Cara, Metade Máscara* em que expõe, detalhadamente, toda a sua história de conhecimento que foi adquirindo ao longo dos anos em uma trajetória de conscientização, ao mesmo tempo em que era perseguida por expor as condições vivenciadas pelos indígenas. Ativismo político e poética estão interligados e esse grito ativista é contado em relato e em poesia. Segundo Graúna: “A presença da mulher indígena manifesta-se na política e na literatura” (Graúna, 2013, p. 26).

A partir da inclusão dos Direitos Indígenas na Constituição brasileira de 1988 e do avanço do Movimento Indígena tem-se indubitavelmente, posto em lei, a visibilização dos povos indígenas, embora essa lei possa ser ferida em vários momentos. Coube aos escritores indígenas realçarem em suas letras políticas e literárias a participação desses povos. De acordo com Graúna: “Resistência, sobrevivência: essa particularidade é própria da literatura que trafega na contramão, a exemplo a atual manifestação literária de autoria indígena e de seus descendentes no Brasil (Graúna, 2013, p. 61). Essa é uma literatura de denúncia e encantamento. Fruto das vivências sociais e políticas do Brasil ornadas com as narrativas ancestrais indígenas. Para ilustrar a chegada dos estrangeiros e o impacto que causaram aos povos indígenas, Eliane Potiguara conta em sua obra a história de Jurupiranga e Cunhataí, segundo a escritora são dois personagens:

que sobreviveram à colonização e, poeticamente, vão nos contar as dores, lutas e conquistas. Esses personagens são atemporais e sem locais específicos de origem. Eles simbolizam a família indígena e o amor, independente de tempo, local espaço onírico ou espaço físico; eles podem mudar de nome, ir e voltar no tempo e no espaço. (Potiguara, 2019, p. 31).





Nota-se que se tem colocado no texto a visão do indígena em todas as suas etnias, independente de tempo e espaço. A história é atravessada por séculos e são expostas as consequências da invasão do Brasil, do genocídio, estupro, violação aos direitos humanos e abandono do governo. Esse casal, separado pela colonização, viajam por tempos imemoriais, separados por essa invasão e se encontram depois de séculos. No poema *Invasão*, a escritora explicita seu lamento “Quem diria que gente tão guerreira / Fosse acabar um dia assim na vida (Potiguara, 2019, p. 33).

Potiguara também narra em sua obra como viu a participação na Constituinte, em 1987-1988, a esperança de que essa Constituinte trouxesse avanços para a garantia do direito dos indígenas. Os olhares dos funcionários e dos executivos para eles, a curiosidade sobre esses povos, a emoção que sentiram em fazer parte de um momento histórico no país. Ela cita alguns povos como Kaiapó, Guarani, Terena e Tukano, as vestimentas usadas, o cheiro do óleo da castanha-do-pará e o vermelho do urucum. A pintura do rosto de Ailton Krenak de jenipapo e como isso impactou os presentes. Os indígenas pintados como se fossem para guerra, em uma participação nacional a favor da democracia.

A poética insubmissa na identidade indígena

Para além da materialidade dos relatos sobre a sua vivência na vida política de Eliane Potiguara, temos também a sua poeticidade. A história dos povos indígenas colocada em seus versos. A migração indígena, posta no primeiro tópico, vem em voz de lamento na sua poética, transforma-se em uma imagem de tristeza e desolação. Como nos versos:

Migração indígena

No teu universo de gestos
Teus olhos são mensagem sem palavras
Tua boca ainda incandescente
Me queima o rosto na partida
E tuas mãos...
Ah! ... Não sei mais continuar esses cânticos
Porque a mim tudo foi roubado.
Se ainda consigo escrever alguns deles

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





Só é fruto mesmo da mágoa que me toma a alma
Da saudade que me mata
Da tristeza que invade todo o meu universo interno
Apesar do sorriso na face...
(Potiguara, 2019, p. 36)

Percebemos no poema o lamento provocado pela migração. A migração retirou do eu poético tudo o que possuía, retirou até mesmo a voz, as palavras, tudo foi roubado. Segundo o eu poético, se ainda existe canto não é fruto de alegrias, mas sim de mágoas que enlaçam sua alma, que lhe traz saudade. O que marca o poema é a tristeza da partida, a desilusão provocada pelas perdas. Em cada verso podemos perceber que a tristeza e a mágoa formam a tônica em suas letras, o desalento se faz presente na migração desses povos. Vejamos outro poema em que podemos perceber essa voz de mágoa:

Neste século de dor

Neste século já não teremos mais os sexos.
Porque ser mãe neste século de morte
É estar em febre pra subsistir
É ser fêmea na dor
Espoliada na condição de mulher.

Eu repito
Que neste século não teremos mais os sexos
Tampouco me importa que entendam
Possam só compreender em outro século besta.

Não temos mais vagina, não mais procriamos
Nossos maridos morreram
E pra parir indígenas doentes
Pra que matem nossos filhos
E os joguem nas valas
Nas estradas obscuras da vida
Neste mundo sem gente
Basta um só mandante.

Neste século não teremos mais peitos
Despeitos, olhos, bocas ou orelhas
Tanto faz sexos ou orelhas
Princípios morais, preconceitos ou defeitos
Eu não quero mais a agonia dos séculos...





Neste século não teremos mais peitos
Despeitos, olhos, bocas ou orelhas
Tanto faz sexos ou orelhas
Princípios morais, preconceitos ou defeitos
Eu não quero mais a agonia dos séculos...

Neste século não teremos mais jeito trejeitos, beleza, amor
Neste século, oh Deus(?!)
Não teremos mais jeito.
(Potiguara, 2019, p. 63)

Há uma invalidação da existência indígena, uma vez que são relegados à vala. As mães indígenas não mais procriam porque têm ciência do futuro que espera seus filhos. A repetição da estrutura sintática enfatiza o desalento do eu poético, porque apresenta uma visão pessimista do que acontece “Neste século”. A nulidade do corpo indígena é feita de ausência de “olhos”, “bocas”, orelhas”. A procriação não faz sentido se o futuro do indígena já está traçado e é de genocídio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho ressalta a importância do estudo da literatura indígena escrita pelo olhar dos povos originários, neste caso, em específico, nas letras da indígena Eliane Potiguara. Uma mulher que resgatou a sua ancestralidade não somente em seu nome, mas as raízes do seu povo, sua cultura e tradição. Vimos, em um primeiro momento, como o silenciamento é um modo de tentar reprimir a voz desses povos e como a escritora, professora, ativista, utilizou de suas letras para contar não somente a sua história, mas sim, uma história análoga a tantas outras de discriminação, mas também de insubmissão. A participação ativa na vida política do país, o protagonismo da mulher indígena que transfere para as letras, em uma outra ótica, as cicatrizes da colonização.

Para além do ativismo político, pudemos perceber a potência de sua poética, como trouxe para o seu texto o encantamento de ser indígena, de sua identidade e como a luta por melhores condições, pela democracia, luta contra o preconceito estão intimamente

**Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social**

**A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)**





relacionados em sua poética. Essa poética plural que nos traz o grito e o canto. Em suas palavras “Bonito é florir no meio dos ensinamentos impostos pelo poder. / Bonito é florir no meio do ódio, da inveja, da mentira ou do lixo da sociedade. / Bonito é sorrir ou amar quando uma cachoeira de lágrimas nos cobre a alma” (Potiguara, 2019, p. 87). É nessa sua melodia de encantamento e insubmissão que compõe as suas letras.

Aqui, procurou-se também demonstrar a beleza de sua poesia e como essa voz indígena feminina é potente e necessária nos tempos de hoje. Embora vivamos em um país democrático, o preconceito e o racismo ainda se fazem presentes. Apesar da lei 11.645/2008, “que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”, a cultura indígena ainda é pouco difundida, mesmo que seja tão importante para conhecermos o outro lado da história, uma história de engajamento político e com valor literário.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino. *Os índios na História do Brasil*. FGV: Rio de Janeiro: FGV, 2003.

BRASIL. Lei nº 11.645, de 10 de março de 2008. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, modificada pela Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Africana. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Este texto não substitui o publicado no *DOU de 11.3.2008*. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/l11645.htm. Acesso em: 2 abr. 2024.

GRAÇA, Antônio Paulo. *Uma poética do genocídio*. Toobook: Rio de Janeiro: Toobook, 1998.

GRAÚNA, Graça. *Contrapontos da literatura indígena contemporânea no Brasil*. Belo Horizonte. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2013.

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição
(CC BY)



REVISTA OWL (*OWL Journal*)

www.revistaowl.com.br – ISSN: 2965-2634



KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. Companhia das Letras: São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MUNDURUKU, Daniel. *O caráter do movimento indígena brasileiro (1970-1990)*. Paulinas: São Paulo: Paulinas, 2012.

OLIVIERI-GODET, Rita. *Vozes de mulheres ameríndias nas literaturas brasileiras e quebense*. Rio de Janeiro: Makunaíma, 2020.

POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. Grumim: Rio de Janeiro: Grumim, 2019.

TETTAMANZY, Ana Lúcia. Liberato.; SANTOS, Cristina. Mielczarski *Lugares de fala, lugares de escuta nas literaturas africanas, ameríndias e brasileira*. Zouk: Porto Alegre: Zouk, 2018.

Recebido em: 20/04/2026

Aprovado em: 16/05/2026

Publicado em: 01/06/2026

Revista *OWL Journal*, Campina Grande - PB, v. 4 n. 6 (2026) - DOSSIÊ ESPECIAL:
Conhecimento, Formação e Transformação Social

A Revista *OWL Journal* está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição (CC BY)

